



UFRJ



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

**JOHN MAWE E A FAZENDA DE SANTA CRUZ:  
EDIÇÃO DO OFÍCIO DENUNCIANDO OS PROBLEMAS DO LATIFÚNDIO**

Camila Lopes dos Santos

Rio de Janeiro

2021

CAMILA LOPES DOS SANTOS

**JOHN MAWE E A FAZENDA DE SANTA CRUZ:  
EDIÇÃO DO OFÍCIO DENUNCIANDO OS PROBLEMAS DO LATIFÚNDIO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Lennertz Marcotulio

RIO DE JANEIRO

2021

**FOLHA DE AVALIAÇÃO**

CAMILA LOPES DOS SANTOS

DRE: 116195296

**JOHN MAWE E A FAZENDA DE SANTA CRUZ:  
EDIÇÃO DO OFÍCIO DENUNCIANDO OS PROBLEMAS DO LATIFÚNDIO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Inglês.

Data de avaliação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Leonardo Lennertz Marcotulio – Presidente da Banca Examinadora  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

\_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_

Prof. Ms. Marcus Vinícius Pereira das Dores - Leitor crítico  
Universidade de São Paulo

MÉDIA: \_\_\_\_\_

Assinaturas dos avaliadores: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Serei eternamente grata a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, estiveram ao meu lado me apoiando e encorajando quando tudo parecia que iria desmoronar. Não foi fácil conciliar a graduação com o trabalho e todas as demandas do dia-a-dia, mas minha rede de apoio, a qual não planejei montar, montou-se por si só devido a sua grande generosidade e afeto, esteve sempre por mim seja lendo um texto para me dar uma opinião ou apenas trazendo alegria e amor aos meus dias.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Leonardo Lennertz, agradeço, primeiramente, a oportunidade de me encontrar na vida acadêmica. Foi graças às aulas brilhantemente preparadas e ministradas que eu me apaixonei pela história da Língua Portuguesa e pela filologia. Obrigada pela paciência e ternura que tem com todos os seus alunos. Obrigada por proporcionar este trabalho.

Ao meu amigo Fabrício, agradeço por não largar a minha mão e estar lá sempre que eu preciso. Sempre mesmo. Tê-lo ao meu lado me fez ter a certeza de que eu estava no lugar certo e de que eu podia contar com alguém em qualquer momento. Junto com o Raphael formamos um trio que me trouxe forças para estar na faculdade e seguir em frente. Obrigada, Rapha e Fabs!

À Andréa, minha amiga há 20 anos, agradeço por continuar sendo minha cúmplice e meu exemplo de profissional e de vida acadêmica. Há 20 anos ela é minha incentivadora, defensora, parceira de aventuras e emoções, ombro e quem eu sempre penso em falar diante de qualquer coisa que aconteça. Obrigada por tudo, minha amiga, mas, mais especificamente, por permitir chamá-la assim sabendo o significado desta palavra.

Ao Claudio, agradeço todo o empenho em fazer com que a minha rotina pesada se tornasse infinitamente mais leve de todas as formas que um verdadeiro companheiro pode proporcionar. Seu amor e determinação em acreditar em mim quando nem eu acreditava me encorajou a seguir em frente independentemente das probabilidades que eu criava na minha mente.

À minha avó e ao meu avô, eu não tenho palavras para agradecer. Devo a eles minha autoestima, coragem, disposição em enfrentar os obstáculos, em expressar meus sentimentos e pensamentos e, acima de tudo, devo quem eu sou. Graças a eles eu me orgulho do ser humano que me torno a cada dia que passa e enxergo o quão importante foi tê-los como meus exemplos de vida e de amor incondicional. Eu te amo, minha avó, mãe e madrinha. Eu te amo, meu avô, pai e padrinho. Vocês são os amores da minha vida.

## **RESUMO**

O presente trabalho ocupa-se da edição e tradução de um ofício manuscrito elaborado pelo minerólogo inglês John Mawe, possivelmente endereçado ao Conde de Linhares. Por tratar-se de um documento manuscrito em língua inglesa, a edição e a tradução do mesmo podem auxiliar seu uso como fonte de estudos sobre a Fazenda de Santa Cruz e seu impacto econômico e político no Rio de Janeiro do século XIX, recorte temporal do texto. Para o estudo mais completo do documento e das condições e razões para sua feitura, elaborou-se uma breve exposição do contexto histórico bem como sobre a vida de Mawe e a história da fazenda. Além dessa contextualização, foi feita uma tradução do documento, que tem como língua original o inglês.

Palavras-chave: Documento; Manuscrito; Mawe; Inglês; Fazenda; Santa Cruz

## **ABSTRACT**

The present work is intended for the editing of a handwritten letter elaborated by the English mineralogist John Mawe, possibly addressed to the Count of Linhares. As it is a manuscript document and in English, its edition and translation can help its use as a source of studies on the Santa Cruz Farm and its economic and political impact in Rio de Janeiro in the 19th century, the time frame adopted. For a more complete study of the document and the conditions and reasons for its making, a brief exposition of the historical context as well as about Mawe's life and the history of the farm can be read. In addition to this context, a translation of the document was made, which has English as its original language.

Keywords: Document; Manuscript; Mawe; English; Farm; Santa Cruz

## ÍNDICE

1. Introdução, 7
2. Contextualização sócio-histórica, 8
  - 2.1. Sobre John Mawe, 9
  - 2.2. Sobre a Fazenda de Santa Cruz, 11
3. A importância da Filologia, 12
4. Comentário filológico: o ofício, 13
  - 4.1. Ficha de descrição e Normas de edição, 15
  - 4.2. Sobre a edição e a tradução, 16
  - 4.3. Fac-símile, 18
  - 4.4. Edição, 22
  - 4.5. Tradução, 25
5. Considerações finais, 27
6. Referências, 28

## 1. Introdução

Estudar a História do Brasil requer uma leitura crítica que permita uma visão desapegada do ufanismo ao qual somos expostos nos anos escolares. Muitas crenças precisam ser desfeitas a fim de que entendamos os porquês da atualidade como resultado dos passos dados no passado.

Neste trabalho, usaremos o início do século XIX como recorte temporal, mais especificamente o ano de 1808, para a análise da primeira parte de um ofício manuscrito de autoria do inglês John Mawe à frente da gerência de uma das fazendas mais importantes do período colonial do Brasil, a Fazenda de Santa Cruz. O objetivo aqui almejado é conhecer o ponto de vista de um minerólogo e comerciante estrangeiro cujo relato demonstra o desinteresse e o impedimento burocrático para a prosperidade de um dos latifúndios mais importantes do Brasil à época.

É possível entender, ao ler o manuscrito, as dificuldades pelas quais Mawe passou ao deparar-se com diversas irregularidades, negligências e desacordos com Leonardo Pinheiro de Vasconcellos, deputado e superintendente do latifúndio carioca. Enquanto parte integrante da administração da Fazenda, Mawe foi responsável por mudanças e denúncias significativas, apesar do pouco tempo disposto ao cargo de 1º administrador. Os ofícios escritos pelo mesmo demonstram toda a indignação e frustração com a gerência omissa de Vasconcellos, o qual não só não contribuiu com o trabalho do inglês como o atrapalhou e solicitou sua destituição do cargo.

Tais reclamações foram registradas no documento manuscrito nomeado "Ofício identificando problemas da Fazenda de Santa Cruz, remetendo plano para melhoria da mesma, desaprovando a ingerência do Estado na administração da mesma e informando sobre o andamento da mina de ferro", uma compilação de cinco cartas em língua inglesa em um total de onze páginas manuscritas. As quatro primeiras páginas contêm a carta editada neste presente trabalho. As duas páginas seguintes, 5 e 6, apresentam uma tradução das páginas 7 e 8, ambos de autoria de Mawe. Duas páginas em branco separam a página 11 que traduz outro texto de autoria do minerólogo contido na página 13 e assinado na subsequente. A última página do documento está em branco. Sua versão digitalizada pode ser encontrada no website da Fundação Biblioteca Nacional sob o registro CDD 352.387 e sua versão física pode ser acessada através de II-35,11,008 nº001 - nº005 - Manuscritos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

O conteúdo demonstra claramente a trajetória de insatisfações que levaram Mawe, inclusive, a recusar-se a trabalhar sob a gerência de Vasconcellos. Na parte aqui editada e traduzida, o inglês denuncia toda a decadência e carências da Fazenda listando os itens necessários para buscar o progresso esperado pela Coroa. Além disso, John Mawe relata o quão impeditivo ao progresso é o sistema de comunicação e permissão de melhorias na fazenda. Critica, também, a morosidade dos processos e o trato com os escravizados.

Para que a leitura e compreensão das demandas feitas por Mawe fiquem mais situadas e claras, breves exposições sobre a vida do minerólogo, a história da Fazenda de Santa Cruz e o contexto histórico no qual a confecção do ofício e as razões para tal aconteceram serão apresentados a seguir.

## **2. Contextualização sócio-histórica**

O alvorecer do século XIX traz consigo eventos de extrema significância para a construção do Brasil como república independente do reino de Portugal. Tais eventos, inéditos em terras sul-americanas, iniciam-se com a chegada da família real portuguesa e sua permanência, transformando, assim, a cidade do Rio de Janeiro em capital econômica e política do império português (HERMANN, 2007).

A Europa passava por uma época de muitos confrontos e o império francês de Napoleão Bonaparte tomava cada vez mais espaço no continente. Portugal, por sua vez, mantinha-se como aliado fiel da Inglaterra, rival de Napoleão. Tal aliança entre ingleses e portugueses custou a Portugal uma ameaça de confronto com o exército napoleônico em um período de devastação de toda a Europa diante de tantas batalhas e mortes. Ao recusar-se a aderir ao bloqueio continental imposto por Napoleão a fim de atingir a Inglaterra, Portugal confirmara sua oposição ao império francês.

Em 1807, D. João VI, príncipe regente de Portugal, vendo que não sairia vitorioso de um embate com Napoleão e sua *Armée*, decide fugir para sua colônia mais profícua no momento e aqui estabelecer a nova capital econômica e política de seu império. Em 1808, chega às terras brasileiras ainda como regente.

O ano supracitado faz-se extremamente relevante e, devido aos acontecimentos, é o recorte temporal adotado na análise do presente trabalho, uma vez que o manuscrito de autoria do inglês John Mawe, aqui editado e traduzido, trata de assuntos cuja influência do príncipe regente recém-chegado é inegável. Diante de toda a miséria vivida na Europa, os assuntos



aqui no Brasil, em especial na Fazenda de Santa Cruz, maior latifúndio da mais nova capital do império português, são de ordem administrativa. Como pode-se ler no relato de Mawe, o maior impedimento para uma economia frutífera e bem sucedida reside na má administração e burocracia desnecessária.

A contribuição do inglês para melhorias na Fazenda de Santa Cruz iniciou-se através de um convite feito pelo próprio príncipe regente para que a administração fosse mais eficiente e rendesse mais frutos para a coroa. Após muita insistência, como relata em seu livro, Mawe aceitou o convite e iniciou sua empreitada. No entanto, seus maiores obstáculos foram a atual administração omissa encabeçada pelo deputado Leonardo de Vasconcellos e a necessidade de reportar toda e qualquer ação ao ministro Conde de Linhares.

## **2.1. Sobre John Mawe**

A importância do minerólogo e negociante de pedras John Mawe para a ciência é inversamente proporcional à atenção dada ao mesmo. Sua contribuição para a geologia está registrada em sua vasta literatura na qual não só relata suas viagens, mas também descreve os minerais com os quais trabalhava. Em terras brasileiras, por exemplo, Mawe tanto se fez presente que também registrou suas impressões e apontou falhas de cunho administrativo, financeiro e moral em uma das maiores fazendas do Rio de Janeiro, a Fazenda de Santa Cruz.

Pouco se sabe sobre a vida pessoal do britânico de Derbyshire, sendo até o ano de seu nascimento uma informação sujeita a dúvidas. O Dictionary of National Biography (1894) registra 1764 como o ano no qual Mawe nasceu, porém Hugh Torrens, em seu artigo intitulado “The Early Life And Geological Work Of John Mawe 1766-1829 And A Note On His Travels In Brazil” (1992), apresenta 1766 como a data correta.

Após seu nascimento, há um grande salto temporal em sua biografia devido ao grande vácuo de informações referentes à sua infância e adolescência. Sabe-se, no entanto, que Mawe herdou de seu pai, Samuel Maw, falecido quando o geólogo tinha apenas 17 anos, um imóvel no qual John provavelmente ficou por um tempo. Quanto à sua vida no mar, estima-se que esta tenha iniciado nos seus 11 ou 12 anos, algo comum na marinha britânica àquela época (TORRENS, 1992, p. 267-268).

Sua guinada profissional de marinheiro mercante para negociante de minerais se deu ao tornar-se aprendiz de Richard Brown II, o qual viria a ser seu sogro e sócio nos negócios. Seu interesse e empenho o levaram a Londres onde tornou-se gerente da loja aberta em 1794 em sociedade com Richard II e III. Nesta época, teve a oportunidade de fazer diversos

contatos, sendo um deles o responsável por sua jornada em terras brasileiras e um de seus registros de viagens e científicos mais expressivos.

Os catálogos produzidos por Brown e Mawe listando minerais, suas características e preços atribuídos em suas lojas, resultaram em uma conexão com a família real espanhola a qual tinha interesses em metais da América do Sul. Após muitos acordos com diversos países, Mawe lançou-se em direção ao sul no dia 1º de agosto de 1804.

Em terras brasileiras, o minerólogo obteve o apoio do príncipe regente, futuro rei D. João VI, para explorar, catalogar e tornar-se seu primeiro administrador e mineralogista. Foi muito requisitado para gerenciar uma das maiores fazendas e centros de distribuição de produtos do Brasil, a Fazenda de Santa Cruz. Sua primeira reação foi negar o convite, porém, diante das investidas reais para que assumisse o cargo, acabou aceitando e tal experiência tornou-se parte de seu livro “Travels in the Interior of Brazil” (1812).

Muitas foram as reivindicações, questionamentos e críticas de Mawe à gerência da Fazenda, principalmente à forma com a qual os escravizados eram tratados e como a administração de Leonardo Pinheiro de Vasconcellos era feita. Depois de muitas tentativas de mudanças do *modus operandi* da fazenda, Mawe resolveu abrir mão de sua posição como explicado em seu livro de 1812:

Tal é o estado atual da fazenda real e tal a conduta daqueles que são designados para administrá-la; e, embora um inglês de talentos, como fui informado, tenha sido colocado lá, ainda assim me arrisco a predizer que ele sairá enojado e preferirá viver em qualquer parte remota, em vez de submeter-se aos aborrecimentos aos quais ele lá será exposto.<sup>1</sup> (p. 372, tradução nossa)

John Mawe continuou seu trabalho e inestimável contribuição para a mineralogia angariando apoio e patrocínios através de sua notável competência e dedicação até 1829, ano de sua morte. Seu legado, no entanto, manteve-se vivo graças à sua esposa, Sarah Mawe, que, durante toda a sua ausência, administrou os negócios com muita competência e eficiência e foi apontada como mineralogista oficial da rainha Vitória logo após sua coroação em 1837 (MINING JOURNAL, 1837, p. 198 *apud* TORRENS, 1992, p. 270-271).

---

<sup>1</sup> Trecho original: "Such is the present state of the royal farm, and such the conduct of those who are appointed to manage it; and, although an Englishman of talents, as I am informed, has been placed there, yet I venture to predict that he will leave it in disgust, and will prefer to live in any remote part, rather than submit to the vexations to which he will there be exposed".

## 2.2. Sobre a Fazenda de Santa Cruz

Localizada no bairro homônimo da cidade do Rio de Janeiro, a Fazenda de Santa Cruz, hoje quartel da polícia militar, já teve dimensões muito além de uma vizinhança apenas. Sua origem data do início do século XVI e atravessa os séculos presenciando eventos marcantes para, não só a história do estado, mas também do país.

A fim de remontar às suas origens, é preciso voltar ao início do século XVI e à expulsão dos franceses do Rio de Janeiro. Um dos grandes nomes responsáveis por tal evento foi Cristóvão Monteiro, primeiro ouvidor do Rio de Janeiro, que, pelos seus serviços junto a Mem de Sá, recebeu as terras como recompensa.

Após sua morte, sua esposa, Marquesa Ferreira, doou metade das terras aos jesuítas em 1589 que, por sua vez, anexaram mais terras contíguas a Guaratiba em 1616. Os religiosos seguiram anexando mais terrenos e expandindo a fazenda que, ao longo dos anos, estendeu-se “desde Guaratiba, junto ao litoral, até a serra dos Matacões, em Vassouras” (TAVARES, 2001, p. 270) abarcando “nove municípios: Rio de Janeiro, Itaguaí, Seropédica, Paracambi, Japeri, Engenheiro Paulo de Frontin, Mendes, Pirai e Rio Claro, num total de mais de 83.000 hectares” (VERÍSSIMO, 2004, p. 2).

Apesar de o passado do Rio de Janeiro não ser de grandes latifúndios, a Fazenda de Santa Cruz era exceção e tornou-se um dos principais centros de escoamento de mercadorias no século XVII juntamente com Minas Gerais. Além disso, diferenciava-se por não aderir à monocultura, mas à policultura e à

criação de gado vacum, equino e caprino, diversificando desta forma as atividades desenvolvidas dentro dela. A agricultura tinha entre os principais produtos o arroz e a cana-de-açúcar, os quais, além de servirem para consumo próprio, eram também dados à arrematação, no caso da cana em forma de açúcar e pipas de aguardente, pela Junta da Administração e Arrecadação da Real Fazenda da Capitania. (TAVARES, 2001, p. 273)

Sua prosperidade junto à administração dos religiosos, no entanto, não era suficiente para garantir a permanência dos mesmos em solo brasileiro. Devido a divergências de cunho ideológico e um projeto de laicização do Estado, os inacianos foram expulsos em 1759 e suas terras postas sob os cuidados do Estado.

Com a chegada da família real ao Brasil, a Fazenda de Santa Cruz tornou-se um dos lugares favoritos do príncipe regente D. João VI. O futuro rei do Reino Unido do Brasil, de

Portugal e Algarves nomeou superintendentes para gerir o latifúndio e, ao ver o relatório escrito por John Mawe a pedido do Conde de Linhares, insistiu que o mesmo aceitasse o cargo de 1º administrador. Após muita insistência, o inglês aceitou o convite e deparou-se com uma realidade que não o satisfazia. A ingerência, morosidade e burocracia da fazenda sob a administração de Leonardo de Vasconcellos levou Mawe a escrever ofícios tanto ao Conde de Linhares quanto a D. João VI relatando todos os impedimentos para que um bom trabalho fosse feito. Pediu, inclusive, destituição do cargo, a qual veio por requisição de Vasconcellos.

Infelizmente, o declínio da fazenda foi inevitável e irreparável diante de tanto descaso por parte de seus gestores, fazendo com que todo o potencial que a mesma apresentava, para um impacto muito maior do que teve, não se realizasse.

### **3. A importância da Filologia**

Especula-se muito sobre qual seria a melhor invenção de todos os tempos e parece ser de senso comum que a roda foi extremamente significativa e impactante para o avanço de civilizações. No entanto, se temos conhecimento sobre as invenções, seus processos e implicações ao longo dos séculos, devemos isso à escrita e, portanto, a história da humanidade muito deve ao labor filológico.

Entende-se por filologia o "estudo das sociedades e civilizações antigas através de documentos e textos legados por elas, privilegiando a língua escrita e literária como fonte de estudos (HOUAISS, 2001, verbete *filologia*, *apud* CAMBRAIA, 2005, p. 14). Entretanto, é importante salientar uma polissemia do termo que abrange tanto o labor filológico em si quanto o estudo da história da língua. Portanto, sua importância para a formação dos saberes é de caráter identitário, uma vez que

a atitude filológica autêntica se demora, antes de mais nada, na historicidade da linguagem, oferecendo dessa maneira uma porta de entrada privilegiada para uma crítica histórica e mesmo materialista, quando se leva a sério a materialidade das palavras. Dito em termos temporais: paciência e atenção poderiam servir não de pretextos, para se opor à necessidade de intervenção na urgência da situação, mas, pelo contrário, configurar um exercício de precisão que permite reconhecer o momento oportuno da ação. (GAGNEBIN, 2011, p. 138)

Ou seja, a linguagem narra e expressa a identidade e cultura de um povo e a escrita a materializa no imaginário coletivo. E, caso essa cultura seja esquecida ou deturpada pela oralidade das intenções, basta recorrer ao texto para refrescar a memória tão falha.

Editar um texto vai além de apenas colocar as palavras em uma folha de papel de forma mais legível ou clara. O filólogo é um restaurador de histórias que permite que falas, acontecimentos, contos e toda sorte de escritos possam ser acessados e conhecidos apesar de suas condições físicas. Pode-se afirmar, portanto, que a filologia destina-se ao “*estudo global de um texto*, ou seja, a exploração exaustiva e conjunta dos mais variados aspectos de um texto: linguístico, literário, crítico-textual, sócio-histórico, etc.” CAMBRAIA, 2005, p. 18).

Além disso, abrem-se, no labor filológico, portas para que outras disciplinas possam entender melhores textos de acordo com a necessidade da pesquisa ou da área na qual esta está sendo feita. Em outras palavras, a transdisciplinaridade é inerente ao trabalho do filólogo. Este, por sua vez, ao editar um documento, deve fazer escolhas de forma a permitir o acesso ao texto. Uma vez que os tipos fundamentais de edição abarcam desde uma fiel reprodução do documento até uma modernização do conteúdo, cabe ao filólogo considerar seu público-alvo a fim de oferecer uma edição compatível com as necessidades daqueles que a acessarão.

Assim sendo, o conhecimento obtido através de textos escritos passa pelas mãos e vistas de um filólogo que decodifica e revela os próximos passos de descobertas que serão feitas tanto em prol da sociedade em geral, quanto para indivíduos cuja história encontra-se em papel e tinta aguardando a chance de contar ao seu leitor o que apenas neles pode ser sabido.

#### **4. Comentário filológico: o ofício**

Parte da história carioca e as implicações da já tão famosa burocracia brasileira são expostas no documento de autoria de Mawe, editado e traduzido a seguir com o intuito de entender um pouco mais sobre a Fazenda de Santa Cruz e as razões pelas quais sua evolução não foi ainda mais impactante para a história e desenvolvimento do Brasil.

O ano de sua feitura é 1808, mesmo ano da chegada da família real portuguesa às terras brasileiras. Apresenta-se escrito em papel e à tinta em ótimas condições contando apenas com algumas manchas que muito raramente dificultam sua leitura. O local de feitura está explícito no mesmo, Santa Cruz, Rio de Janeiro.

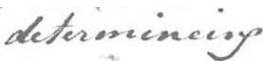
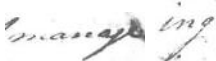

Considerando todo o documento, fez-se a opção pelas quatro primeiras páginas (fólios 1r, 1v, 2r e 2v) devido ao conteúdo das mesmas tratar de forma mais geral e direta os problemas enfrentados na gerência da fazenda. Mawe relata ao seu destinatário não somente as demandas e necessidades apresentadas em listas contidas no mesmo documento como

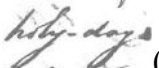

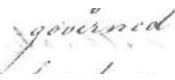
também expressa suas frustrações enquanto gestor do latifúndio. Dessa forma, este recorte faz-se necessário para que o foco nos estudos sobre a fazenda seja mais facilitado e sucinto.

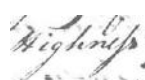
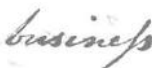

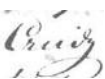
Seguindo com aspectos práticos do ofício, seu remetente refere-se ao destinatário como “Your Excellency”, pronome de tratamento utilizado para altas autoridades. Apenas no último fôlio manuscrito do documento encontramos o nome completo do interlocutor e descobrimos que a “Vossa Excelência” faz referência ao Ministro de Estado Dom Rodrigo de Sousa Coutinho, o Conde de Linhares.

No que concerne ao aspecto textual, Mawe utiliza-se de escrita clara, polida e direta diante de tal interlocutor e delicadeza do assunto que precisa tratar. De acordo com o autor, a Fazenda de Santa Cruz poderia produzir muito além do que o faz, com uma boa administração, condições básicas para os escravizados e menos burocracia para a tomada de ações, pois tudo deve ser comunicado à Sua Excelência. Além disso, Mawe cita a mina de ouro agradecendo a oportunidade e afirmando que traria sua família para o Brasil criticando, no entanto, a morosidade com a qual seus assuntos são tratados.

O documento apresenta aspectos interessantes no que tange à Língua Inglesa e sua evolução ao longo do tempo. Um exemplo desta pode ser notado na presença do <e> final de palavras em que ainda é mantido na escrita do inglês quando seguido de uma desinência como o *-ing*. Conhecido como silent <e> (<e> silencioso), este grafema aparece no final de palavras, mas não representa um fonema, servindo como uma espécie de acento gráfico indicativo do alongamento da vogal que o antecede. Com o passar dos anos, houve uma queda desse grafema quando há acréscimo de desinências como dito anteriormente. Exemplos como

 (*determineing*) (fólio 1r, linha 11) e  (*manageing*) (fólio 1r, linhas 6-7), cujas escritas se dão *determining* e *managing* nos tempos atuais, são comuns no texto de Mawe. Esta manutenção, no entanto, não se dá uniformemente como pode-se observar em  (*troubling*) (fólio 1v, linha 31), verbo cuja forma infinitiva (to trouble) possui o grafema supracitado.

Nota-se, também, que o vocábulo  (*holy-days*) (fólio 1v, linha 43) ainda não havia sofrido o processo de aglutinação gráfica que resultou em sua atual forma, *holidays*. Além disso, há uma oscilação entre a omissão e representação do <e> em verbos regulares no passado sendo, por vezes, escrito ou substituído por um apóstrofo como em  (*detain'd*) (fólio 1v, linha 26) e  (*govern'd*) (fólio 1r, linha 4).

Percebe-se também a utilização de <s> longo seguido do <s> redondo em dígrafos <ss> como em  (*Highness*) (fólio 1r, linha 4),  (*business*) (fólio 1v, linha 48) e  (*possible*) (fólio 1r, linha 25). Outro ponto interessante oferecido pela escrita de Mawe demonstra, claramente, uma representação da percepção do minerólogo sobre o aspecto fonológico vigente até os dias de hoje na fala carioca: a inserção de /j/ diante de /s/. Ao materializar “Santa Cruz” em sua escrita, o mesmo reproduziu “Cruz” exemplificado em  (fólio 1r, linha 3).

#### 4.1. Ficha de descrição e Normas de edição

Ofício (1ª parte)	
Resumo	Ofícios identificando problemas da Fazenda Santa Cruz, remetendo plano para melhoria da mesma, desaprovando a ingerência do Estado na administração da mesma e informando sobre o andamento da mina de ferro.
Local de origem	Santa Cruz
Tipo de texto:	Ofício
Data	00/10/1808
Idioma	Inglês
Assinatura	John Mawe
Registro	original
Localização do documento	Biblioteca Nacional
Fac-símile disponível em:	< <a href="https://bit.ly/3tsD8Lp">https://bit.ly/3tsD8Lp</a> >
Tipo de edição:	Semidiplomática
Edição realizada por:	Camila Lopes
Data da edição:	04/08/2020

Fonte: Biblioteca Nacional

Foi realizada uma edição semidiplomática. As intervenções realizadas são especificadas abaixo. Todos os demais elementos do texto foram mantidos como no modelo.

1. Variações alográficas de um mesmo grafema foram uniformizadas.
2. Abreviaturas foram desenvolvidas marcando-se os grafemas inseridos em itálico.
3. Letras maiúsculas e minúsculas foram atualizadas levando-se em conta regras atuais.
4. Foi adicionada pontuação ao final de parágrafos.

#### **4.2. Sobre a edição e a tradução**

Com o objetivo de facilitar o acesso de historiadores com ou sem conhecimento da língua inglesa ao documento, algumas decisões acerca da edição e da tradução do ofício foram tomadas. Quanto à edição, optou-se pela semidiplomática, uma vez que

"Pode-se dizer que há, neste tipo, um grau médio de mediação, pois no processo de reprodução do modelo, realizam-se modificações para tornar mais apreensível por um público que não seria capaz de decodificar certas características originais, tais como os sinais abreviativos". (CAMBRAIA, 2005, p. 95).

Em outras palavras, foi feito um trabalho que preservasse aspectos temporais importantes da língua com intervenções que possibilitasse uma leitura visando maior abrangência e acessibilidade.

No que concerne à tradução, a carta de autoria de John Mawe foi redigida em Língua Inglesa o que, por muitas vezes, pode dificultar o acesso à mesma devido a barreiras linguísticas. Diante desta questão, foi feita uma tradução livre levando-se em conta vocabulário mais próximo da versão original a fim de garantir uma leitura mais fidedigna possível, pois

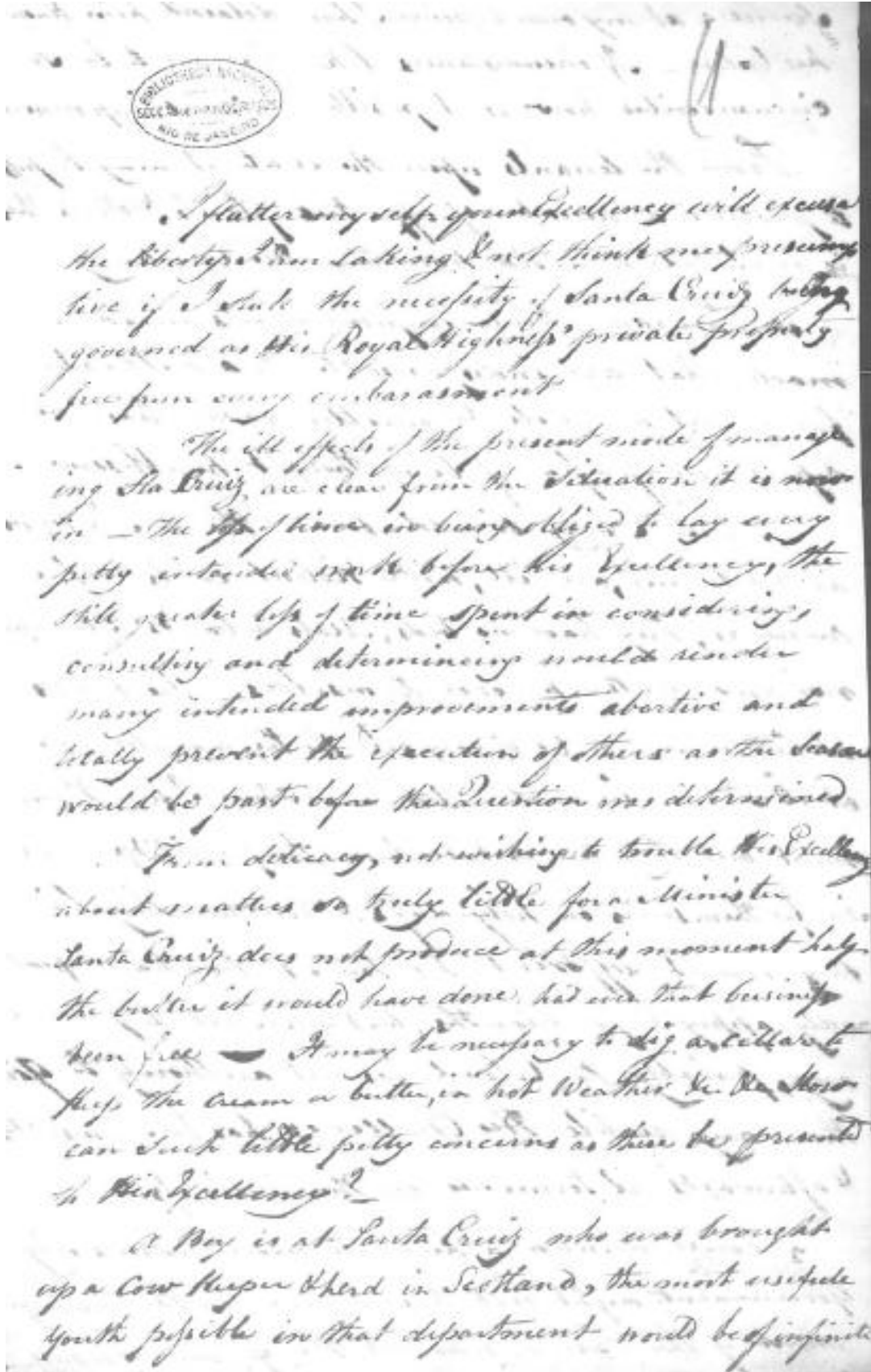
De acordo com uma abordagem estritamente linguística, a tradução consistiria em transferir o 'sentido contido num conjunto de signos linguísticos para outro conjunto de signos linguísticos através do recurso competente ao dicionário e à gramática; contudo, o processo envolve também um vasto conjunto de critérios extralinguísticos. (BASSNETT, 2003, p. 35)



Tais critérios extralinguísticos abrangem aspectos sociais fazendo necessária uma linguagem que remeta à formalidade necessária no tratamento ao destinatário.

No entanto, optou-se pela escrita do nome originalmente estabelecido da fazenda, isto é, sem a interferência linguística apresentada na versão original da carta. Tal opção foi feita, uma vez que a tradução foi concebida para, como dito anteriormente, possibilitar o acesso ao conteúdo do manuscrito sem levar em conta aspectos linguísticos intrínsecos ao estudo da língua.

### 4.3. Fac-simile



The image shows a fac-simile of a handwritten letter. At the top left, there is a circular stamp with the text "RECEIVED BY THE SECRETARY OF STATE" and "1850". The letter is written in cursive and contains several paragraphs. The first paragraph discusses the necessity of Santa Cruz being governed as the Royal Highness's private property, free from any embarrassment. The second paragraph talks about the ill effects of the present mode of managing Santa Cruz and the need to lay every petty incident before His Excellency, which would prevent many intended improvements. The third paragraph mentions the delicacy of not wishing to trouble His Excellency about matters so truly little for the Minister. The fourth paragraph suggests that Santa Cruz does not produce at this moment half the butter it would have done had even that business been free, and compares it to a cream on butter in hot weather. The fifth paragraph asks if such little petty concerns should be presented to His Excellency. The sixth paragraph mentions a boy at Santa Cruz who was brought up a cow herder and shepherd in Scotland, and that the most useful youth possible in that department would be infinite.

Flatter myself your Excellency will excuse the liberty I am taking & not think me pressing here if I state the necessity of Santa Cruz being governed as the Royal Highness's private property free from every embarrassment

The ill effects of the present mode of managing Sta Cruz are clear from the situation it is now in — The ~~loss~~ of time is being obliged to lay every petty incident ~~before~~ before His Excellency, the still greater loss of time spent in considering, consulting and determining would render many intended improvements abortive and totally prevent the execution of others as the season would be past before this Question was determined

From delicacy, not wishing to trouble His Excellency about matters so truly little for a Minister Santa Cruz does not produce at this moment half the butter it would have done had even that business been free — It may be necessary to dig a cellar to keep the cream on butter, in hot Weather &c. &c. How can such little petty concerns as these be presented to His Excellency?

A Boy is at Santa Cruz who was brought up a Cow Herder & herd in Scotland, the most useful Youth possible in that department would be infinite

service; at my own expense I have detained him knowing his value - If circumstances like these are to be so circumscribed how is it possible to aim at improvement.

From the tenants upon the estate it may be possible to procure a number of apple tree plants & others this is neglected to avoid troubling His Excellency

A thousand little improvements might be made that are indispensable to a cultivated farm but all will be omitted rather than be represented for fear of being thought troublesome.

I am sorry to add two of the four Negroes allotted to me, are ill, with violent colds - the reason is, they have no beds, mats or boards to lie upon nor any cloaths to cover themselves - (The nights at Curacao are very, very cold the thermometer sometimes at 50° -) they lie on the floor - 'Tis true I find them content but they are excluded from the privilege of washing for themselves on holy-days & how can they live? they merit different treatment they have repeatedly applied for cloaths, but never able to procure any, probably the Colonel has not authority to give them any, still His Excellency has been consulted & afterwards determined on the business.

I could mention a hundred more reasons why Government ought not to interfere in the management of the Farms was not the former ones sufficient.

to prove that it is the present method that keeps  
it of produce in even with keep <sup>the</sup> Cruz in the  
State it is now done. ...  
... What man who is looked up to as master  
of what he professes can suffer himself to wrong  
his employed by mistaken policy, or by being govern-  
ed by men totally foreign to the business; industry  
will be lost and all will remain in ignorant  
Error - I most anxiously pray your Excellency  
to supplicate His Royal Highness to honor me with  
an audience in your presence that I may have  
the honor to state the insignificance of the produce  
of Santa Cruz compared with what it would be if  
differently directed -



Respecting the Iron mine I feel more  
pleasure in that Subject as His Royal Highness  
has promised it to me I shall be highly honor'd  
to work it on the Joint concern of His Royal Highness  
or as my own but if it is to be fetter'd by government  
I fear it be long ere it rises into credit unless my  
power as manager is unlimited - When these matters  
are determin'd upon I will send for Workmen when  
I am sure I will desire my family to come here  
but already much time has been lost and as yet  
nothing done worthy of notice - Seeing the Slowness

with which these affairs particularly relative to my  
self are conducted what will be the case if they  
are not resolved at the present moment

The lands held by them at Santa Cruz are the best  
lands on the farm & ought to be well examined & if  
necessary taken into the hands of the Royal Highness

and should all a great deal of land be  
demanded it is necessary that the best of them  
should be reserved for the use of the  
Royal Highness & the other lands should be  
sold or otherwise disposed of as may be  
thought proper in your presence that I may have  
the honor to be the more perfectly acquainted with  
the state of the said lands & the value of them  
I have the honor to be, Sir, your obedient servant

— Yours &c  
John Stanhope

I have the honor to be, Sir, your obedient servant  
I have the honor to be, Sir, your obedient servant  
I have the honor to be, Sir, your obedient servant  
I have the honor to be, Sir, your obedient servant  
I have the honor to be, Sir, your obedient servant  
I have the honor to be, Sir, your obedient servant  
I have the honor to be, Sir, your obedient servant  
I have the honor to be, Sir, your obedient servant  
I have the honor to be, Sir, your obedient servant  
I have the honor to be, Sir, your obedient servant

#### 4.4. Edição

- Fol. 1r  
l. 1 - 5  
I flatter myself your Excellency will excuse the liberty I am taking & not think me presumptive if I state the necessity of Santa Cruz being governed as His Royal Highness' private property free from every embarasment.
- l. 6 - 10  
The ill effects of the present mode of managing Santa Cruz are clear from the situation it is now in - the loss of time in being obliged to lay every petty intended work before his Excellency, the still greater loss of time spent in considering,
- l. 11 - 15  
consulting and determineing would render many intended improvements abortive and totally prevent the execution of others as the season would be past before the question was determined.
- l. 16 - 20  
From delicacy, not wishing to trouble His Excellency with matters so truly little for a Minister Santa Cruz does not produce at this moment half the butter it would have done had even that business been free. It may be necessary to dig a cellar to keep the cream or butter, in hot weather &c. &c. How
- l. 21 - 25  
can such little petty concerns as these be presented to His Excellency?
- Fol. 1v  
l. 26 - 30  
A boy is at Santa Cruz who was brought up a cow keeper & herd in Scotland, the most usefull youth possible in that department would be of infinite service; at my own Expense I have detain'd him knowing his value. If circumstances like these are to be so circumscribed how is it possible to aim at improvement?
- From the tenants upon the estate it may be possible to procure a number of coffee tree plants & others this

is neglected to avoid troubling His Excellency.

l. 31 - 35

A thousand little improvements might be made that are indispensable to a cultivated farm but all will be omitted rather than be represented for fear of being thought troublesome.

l. 36 - 40

I am sorry to add two of the four negroes allotted to me, are ill, with violent colds - the reason is, they have no beds, mats or boards to lie upon nor any cloaths to cover - themselves - (the nights at curtume are very very cold the thermometer sometimes

l. 41 - 45

at 50°) they lie on the floor. Tis true I find them meat but they are excluded from the privilage of working for themselves on holy-days & how can they live? They merit different treatment they have repeatedly applied for cloathes, but never able to procure

l. 46 - 51

any, probably the colonel has not authority to give them any untill His Excellency has been consulted & afterwards determined on the business.

Fol. 2r

l. 52 - 56

I could mention a hundred more reasons why government ought not to interfere in the management of the farm was not the former ones sufficient to prove that it is the present method that keeps & if persevered in ever will keep *San<sup>ta</sup> Cruz* in the state it is now in.

l. 57 - 61

What man who is looked up to as master if what he professes can suffer himself to wrong his employer by mistaken policy, by being governed by men totally foreign to the business; industry will be lost and all will remain in ignorance and error. I must anxiously pray Your Excellency

l. 62 - 66 to supplicate His Royal Highness to honor me with an audience in your presence that I may have the honor to state the insignificancy of the produce of Santa Cruz compared with what it would be if differently directed.

l. 67 - 71 Respecting the iron mine I feel more pleasure on that subject as His Royal Highness has promised it to me I shall be highly honor'd to work it on the joint concern of His Royal Highness or as my own but if it is to be fetter'd by government I fear it be long'ere it rises into credit unless my

l. 72 - 76 power as manager is unlimited. When these matters are determined upon I will send for workmen & when I am secure I will direct my family to come here but already much time has been lost and as yet nothing done worthy of notice. Seeing the slowness

Fol. 2v with which these affairs particularly relative to my self are conducted what will be the case if they are not remedied at the present moment?

l. 77 - 82 The lands held by others at Santa Cruz are the best lands on the farm & ought to be well examined & if necessary taken into the hands of His Royal Highness.



#### 4.5. Tradução

Lisonjeio-me que Vossa Excelência desculpará a liberdade que estou tomando e não me considerará presunçoso se declaro a necessidade de Santa Cruz ser governada como propriedade privada de Sua Alteza Real, livre de qualquer empecilho.

Os efeitos nefastos do atual modo de administrar Santa Cruz são claros pela situação em que se encontra - a perda de tempo em ser obrigada a apresentar toda obra insignificante a Sua Excelência, a perda ainda maior de tempo despendido em consideração, consultoria e regulamentação tornaria muitas das melhorias pretendidas frustradas e impediria totalmente a execução de outras, já que a temporada passaria antes que a questão fosse determinada.

Por delicadeza, não querendo incomodar Sua Excelência com assuntos tão verdadeiramente pequenos para um Ministro, Santa Cruz não produz neste momento a metade da manteiga que teria feito até se aquele negócio fosse de graça. Pode ser necessário cavar um porão para guardar o creme ou a manteiga, no tempo quente, etc. Como podem tão pequenas preocupações mesquinhas como estas ser apresentadas a Sua Excelência?

Há um menino em Santa Cruz que foi criado como criador de vacas e rebanho na Escócia; o jovem mais útil possível naquele departamento prestaria um serviço infinito; às minhas próprias custas, detive-o sabendo de seu valor - se circunstâncias como essas devem ser tão circunscritas, como é possível buscar melhorias?

Dos inquilinos da propriedade pode ser possível obter um certo número de pés de café e outros, isso é negligenciado para evitar incomodar Sua Excelência.

Podem ser feitas milhares de pequenas melhorias que são indispensáveis para uma fazenda cultivada, mas todas serão omitidas em vez de representadas por medo de serem consideradas problemáticas.

Lamento acrescentar dois dos quatro negros que me foram atribuídos, estão doentes, com fortes constipações - a razão é que não têm camas, tapetes ou tábuas para se deitarem nem mantos para se cobrirem - (as noites no curtume são muito muito frias o termómetro às vezes a 50°) deitam-se no chão - é verdade que os forneço carne, mas estão excluídos do privilégio de trabalhar para si próprios nas férias e como podem viver? Eles merecem um tratamento diferente. Eles solicitaram repetidamente roupas, mas nunca conseguiram obter nenhuma; provavelmente o coronel não tem autoridade para dar a eles até que Sua Excelência tenha sido consultada e posteriormente determinado sobre o assunto.

Eu poderia citar mais uma centena de razões pelas quais o governo não deveria interferir na gestão da fazenda não fossem as primeiras suficientes para provar que é o método

atual que mantém e se perseverar em sempre manterá *Santa Cruz* no estado em que está agora.

Que homem que é tido como senhor se o que professa pode se permitir prejudicar seu patrão por uma política equivocada, por ser governado por homens totalmente estranhos ao negócio; a indústria será perdida e todos permanecerão na ignorância e no erro - devo orar ansiosamente a Vossa Excelência que suplicar Sua Alteza Real para me honrar com uma audiência em sua presença para que eu possa ter a honra de declarar a insignificância da produção de *Santa Cruz* comparada com o que seria se dirigido de forma diferente.

No que concerne à mina de ferro, sinto mais prazer nesse assunto, como Sua Alteza Real me prometeu. Ficarei muito honrado em trabalhar no interesse conjunto de Sua Alteza Real ou como meu, mas se for acorrentado pelo governo, receio que demore muito tempo para chegar ao crédito, a menos que meu poder como gerente seja ilimitado. Quando essas questões forem decididas, mandarei chamar operários e, quando estiver seguro, mandarei minha família vir aqui, mas já se perdeu muito tempo e ainda nada digno de nota foi feito. Vendo a lentidão com que esses assuntos particularmente relativos a mim são conduzidos, o que acontecerá se eles não forem remediados no momento presente?

As terras de terceiros em *Santa Cruz* são as melhores da fazenda e devem ser bem examinadas e, se necessário, colocadas nas mãos de Sua Alteza Real.

## 5. Considerações finais

John Mawe e a Fazenda de Santa Cruz tiveram uma breve e rica história que nos conta aspectos importantes da administração brasileira que perduram até os dias de hoje. Muita burocracia e falta de recursos levaram ao sucateamento de um dos maiores latifúndios do estado do Rio de Janeiro. Mais curioso é o fato de que o príncipe regente D. João VI possuía conhecimento total da má gerência da fazenda, uma vez que leu o relatório de Mawe e adorava o referido lugar. Portanto, a omissão do governo muito contribuiu para o declínio do latifúndio.

Como expôs em seu manuscrito, John Mawe percebeu que escravizados não possuíam o mínimo para viver, como roupas para cobrirem seus corpos e os protegerem do frio. Ou até mesmo colchões que acomodassem seus corpos após um dia árduo de trabalho. Relatou, também, o quão difícil e moroso era ter que reportar cada ação tomada na fazenda ao Conde de Linhares.

A época na qual John Mawe passou por terras brasileiras foi um período de muitos eventos importantes como a vinda da família real para o Brasil, contribuindo para sua independência do reino de Portugal 14 anos depois. Além disso, a Europa passava pelas guerras napoleônicas cuja devastação impactou profundamente o continente. O Brasil, por sua vez, seguia rumo a uma emancipação comercial e de subsistência que poderia ter triunfado não fosse a omissão e descaso de governantes. Infelizmente, o relato de John Mawe ainda se faz muito presente na realidade brasileira.

Dessa forma, este trabalho proporcionou uma maior imersão na história do estado do Rio de Janeiro, uma vez que editar um texto genuíno e escrito por um estrangeiro, cujo objetivo primeiro não era gerir um latifúndio da importância da Fazenda de Santa Cruz, fez com que outro ponto de vista, menos enviesado do que os expostos em livros didáticos, pudesse aproximar o presente do passado.

Ao longo de toda a trajetória de feitura do estudo até sua conclusão, muitas pesquisas foram necessárias a fim de compreender melhor um personagem pouco conhecido pelos brasileiros. John Mawe andou por diversas partes do Brasil; há, inclusive, um mapa com sua assinatura exposto no museu Casa dos Ottoni em Minas Gerais. Sua passagem pela gerência da fazenda foi bem breve, mas sua contribuição para a mineralogia brasileira é inegável.

## 6. Referências bibliográficas

BASSNETT, S. **Estudos de tradução: Fundamentos de uma disciplina**. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste, 2003.

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COSTA, T. G. T. **Os administradores da Real Fazenda de Santa Cruz - Rio de Janeiro, 1760 a 1821**. Disponível em: <https://bit.ly/33qYZrV>. Acesso em: 8 mai. 2021.

FLEXOR, M. H. O. **Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX**. 3. ed. aum. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

GAGNEBIN, J. M. **Comentário filológico e crítica materialista**. Trans/Form/Ação, Marília, v. 34, Número, p. 137-154, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3uC0pfm>. Acesso em: 8 mai. 2021.

MACHADO, I. F. **Napoleão Bonaparte, Dom João VI e os diamantes brasileiros**. In: A Estrada Real e a transferência da corte portuguesa: Programa Rumys - Projeto Estrada Real. Rio de Janeiro: CETEM/MCT/CNPq/CYTED, 2009. p.47-50. Disponível em: <https://bit.ly/2RzqmNY>. Acesso em: 8 mai. 2021.

MARCOTULIO, L. et al. **Filologia, História e Língua: olhares sobre o português medieval**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

MAWE, J. **Documento - 14**. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1808. Disponível em: <https://bit.ly/3tsD8Lp>. Acesso em: 8 mai. 2021.

MAWE, J. **Travels in the Interior of Brazil**. Londres: Longman, 1812.

MILLYNG; MASQUERIER. **Dictionary of National Biography**. 37. ed. Londres: Macmillan and Co, 1894.

TAVARES, G. D. C. **A Fazenda de Santa Cruz: sua importância para o comércio de abastecimento da cidade do Rio de Janeiro no período joanino (1808 – 1821)**. Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 269-283, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3nXBGzi>. Acesso em: 8 mai. 2021.

TORRENS, H. S. **The Early Life And Geological Work Of John Mawe (1766-1829) And A Note On His Travels In Brazil**. Bulletin of the Peak District Mines Historical Society, v. 11, n. 6, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3h6KdyG>. Acesso em: 7 mai. 2021.